

A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLETINDO E DISCUTINDO PRÁTICAS NAS SÉRIES INICIAIS

Cláudia Ribeiro Bellochio-UFSM¹

A temática desse trabalho está relacionada aos desafios de minha trajetória na docência em Educação Musical na formação de professores de SIEF² no curso de Pedagogia da UFSM³. O recorte aqui apresentado resulta de uma investigação educacional que objetivou abordar sobre o ensino de Música nas séries iniciais do ensino fundamental a partir da formação e ação de professores não especialistas nessa área mas atuantes em SIEF. Nesse enfoque, tomo como questão de pesquisa a indagação: Que possibilidades e limites de práticas educativas em Educação Musical podem decorrer de uma ação educativa, ativa e crítica de professoras atuantes em SIEF? Tomo como ponto referencial práticas educativas, planejadas, investigadas e refletidas criticamente em processo colaborativo entre Universidade e escola de ensino fundamental. A exposição no texto será realizada do seguinte modo: a) contextualizando a temática; b) relatando práticas colaborativas. Finalizo apontando algumas possibilidades e limites de professores de SIEF trabalharem com o ensino de Música no cotidiano de suas atividades escolares.

Contextualizando a temática

Temos acompanhado um percurso de significação de Educação Musical na escola brasileira, o qual não traça o melhor panorama. Pelo contrário, temos um cenário histórico que nos mostra que no Brasil, pulverizadamente, a Educação Musical vinculou-se ora ao nacionalismo, ora ao *laissez-faire*, ora aos movimentos de criatividade, ora à tentativa de interdisciplinaridade com outras áreas artísticas.

Tracemos uma caminhada – ou melhor, uma corrida – reconstruindo as marcas recentes que a chamada “educação musical” veio nos deixando: partimos das tradicionais ‘aulas’ de música (solfejo e ditado rítmico/melódico), nacionalizamos-nos no canto orfeônico (eufemismos sonoros distribuídos em canções folclóricas. Hinos e cantigas de roda –

¹ Professora da Universidade Federal de Santa MariaRS, Dep. de Metodologia do Ensino/Centro de Educação

² Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

³ A totalidade do trabalho está abordada em BELLOCHIO (2000).

um coletivo de vozes que se ampliava para cantar a nação); abrigamo-nos na 'sensibilização musical' (iniciação, reiniciação, musicalização e infundável experimentação de sons com sucata), pulverizamo-nos na 'educação artística' (desenhar o som, sonorizar a estória, musicar o poema) e, quase que inevitavelmente, num determinado momento, tínhamos que nos enfrentar, buscando identidades. (TOURINHO, 1998, p. 170).

Acredito que essa situação se agravará, por um lado, principalmente pelo fato de não ser clara, ainda, a significação da área junto aos processos que potencializam a escolarização, sobretudo considerando a conjuntura do ensino em SIEF. Música é festa? É terapia? É para acalmar as crianças? É conhecimento escolar? Que conhecimento é esse? Serve para auxiliar e tornar mais agradável o desenvolvimento de outras áreas? Por outro lado, quem é o professor que deverá trabalhar com tal conhecimento nas SIEF? É o especialista em Educação Musical? É o professor de classe?

Estes questionamentos também deveriam passar pelos currículos que formam professores de SIEF e que, em sua grande maioria, não oferecem tratamento adequado a essa área. Desdobra-se, ainda, em falta de espaço físico, materiais e equipamentos, insuficiência de formação e de profissionais para atuação em escola. Retomo à formação de professores que atuam nas SIEF. Em que medida “os futuros professores, não especialistas em ensino de Música, mas habilitados à docência em SIEF, têm tido em seu processo de formação profissional, a possibilidade de aprofundar aprendizados acerca da música e do ensino de Música na escola?” (BELLOCHIO, 1999, p. 3).

No Brasil, são poucas as experiências nesse sentido que têm sido construídas e divulgadas. Dentre estas, destaco as de COELHO de SOUZA (1998); COELHO DE SOUZA; MELLO (1999); JOLY (1998); SOUZA (1997, 1998, 1999); MATEIRO (1997); MOURA et. al (1998); MAFFIOLETTI (1998); TORRES (1998; TORRES; SOUZA (1999), BELLOCHIO (2000).

Também fazem parte desse quadro políticas educacionais tais como a LDB, e, mais recentemente, os PCNs. As políticas educacionais têm buscado parametrizar a realização do ensino escolar, determinando o que se espera da organização e execução da prática educativa escolar. Mas, será que esses documentos são suficientes para a construção do que se propõe? No campo da Educação Musical,

A experiência também tem mostrado que ações curriculares isoladas não são suficientes. Além delas, é necessário propor ações formativas, pois, qual profissional estará apto para trabalhar com essas novas propostas curriculares? Por outro lado, sabemos que só as ações voltadas à formação profissional por si só não garantem o espaço institucional da aula de música. São necessárias, portanto, a formulação de políticas administrativas que viabilizem a implementação de currículos, já que a inovação e formação são polos de uma mesma problemática. Daí a necessidade de estudos aprofundados que interpretem e analisem criticamente as experiências de diferentes escolas com a música e suas implicações institucionais. (SOUZA, 1998, p. 25).

Diante do exposto acima, é claro que se necessita de uma ampla transformação nas concepções e ações desenvolvidas ‘sobre’ e ‘para’ o ensino de Música na escola. Permanecer arraigado a conteúdos fechados, em áreas isoladas e em currículos alheios à situação do contexto cotidiano, pode levar ao estreitamento cada vez maior do que pode ser construído, partindo da ação competente, ativa e crítica dos professores. Para tanto: “em lugar da acomodação que leva a repetir sem crítica ou questionamentos os modelos tradicionais de ensino de música, faz-se necessária a disposição de buscar e experimentar alternativas, de modo consciente”. (PENNA, 1999, p. 17)

É nesta perspectiva de transformação que proponho apresentar um trabalho musical⁴ realizado por professores não especialistas em Música.

Relatando práticas colaborativas

Com base no exposto anteriormente e na busca de superação à algumas questões postas, gostaria de deter-me no relato de parte de um trabalho de ação e investigação educacional em ensino de música nas SIEF. Constituímos um grupo de pesquisa e ação em sala de aula formado por mim, estudantes do curso de Pedagogia da UFSM e professoras da rede de ensino fundamental de uma escola municipal de Santa Maria/RS.

Os processos cotidianos desse grupo foram sendo problematizados, dentre estes, as práticas em Educação Musical dos envolvidos. Tais problematizações foram compondo indagações que subsidiaram as ações e a investigação sobre essas, o inter-relacionamento do grupo e as práticas educacionais em realização. Essas, eram discutidas em reuniões de trabalho permanente- na segunda feira realizávamos o planejamento e, na sexta-feira,

⁴ Trabalho realizado em classes de 2ª série do ensino fundamental.

discutíamos e problematizávamos sua realização. Durante a semana mantivemos a observação e o registro das aulas em diários de campo, subsídios discutidos nas reuniões. Desse modo, a investigação educacional sobre o próprio processo educativo constituiu-se meta necessária à implementação de mudança nas posturas dos envolvidos. Assim, não tratou-se de um trabalho sobre o ensino de Música na escola, mas fundamentalmente, de um trabalho “na” e “para” a Educação Musical em contexto escolar concreto, transversalizado pelas possibilidades e limites de atuação do grupo. Todo o tempo tivemos a preocupação de entender a dinâmica do ensino na sala de aula por meio de vivências que potencializassem várias relações entre os alunos e a música com base em: ouvir, apreciar, compor, executar, falar sobre música(s). Também buscamos relacionar as atividades musicais com os temas geradores que conduziam o processo de escolarização em sentido mais amplo.

Exemplificando, trago uma experiência que foi realizada quando o tema gerador enfocou sobre “bairro” e que circunscreve a construção de “raps”. Essa forma musical, estava relacionada às realizações das crianças fora do espaço da sala de aula. Muitas relatavam que ouviam *raps* na televisão. Foi então que decidimos inserir o trabalho composicional nesse gênero. Partimos do pressuposto que uma das principais características do rap está relacionado a sua oralidade, “o rap na sua componente vocal ou expressiva – a palavra, a voz, a poesia de rua.” (CONTADOR; FERREIRA, 1997, p. 15-16). Numa das turmas o rap produzido chamou-se *Rap do bairro*. O processo de produção do rap foi realizado coletivamente entre a professora e a turma.

I - No meu bairro tem

Futebol todo o dia

O meu bairro caiu

E eu também cáí

III- Todo dia no meu bairro

Tem confusão

Sempre tem ladrão, a polícia não chega

A gente fica na mão

II - Lá no meu bairro

Todo mundo é amigo

Mas tem uma galera

queimada,

Que é um perigo

solução.

IV- No meu bairro

Tem problema de montão

Tem rua esburacada, lâmpada

Falta segurança. – Parece que não tem

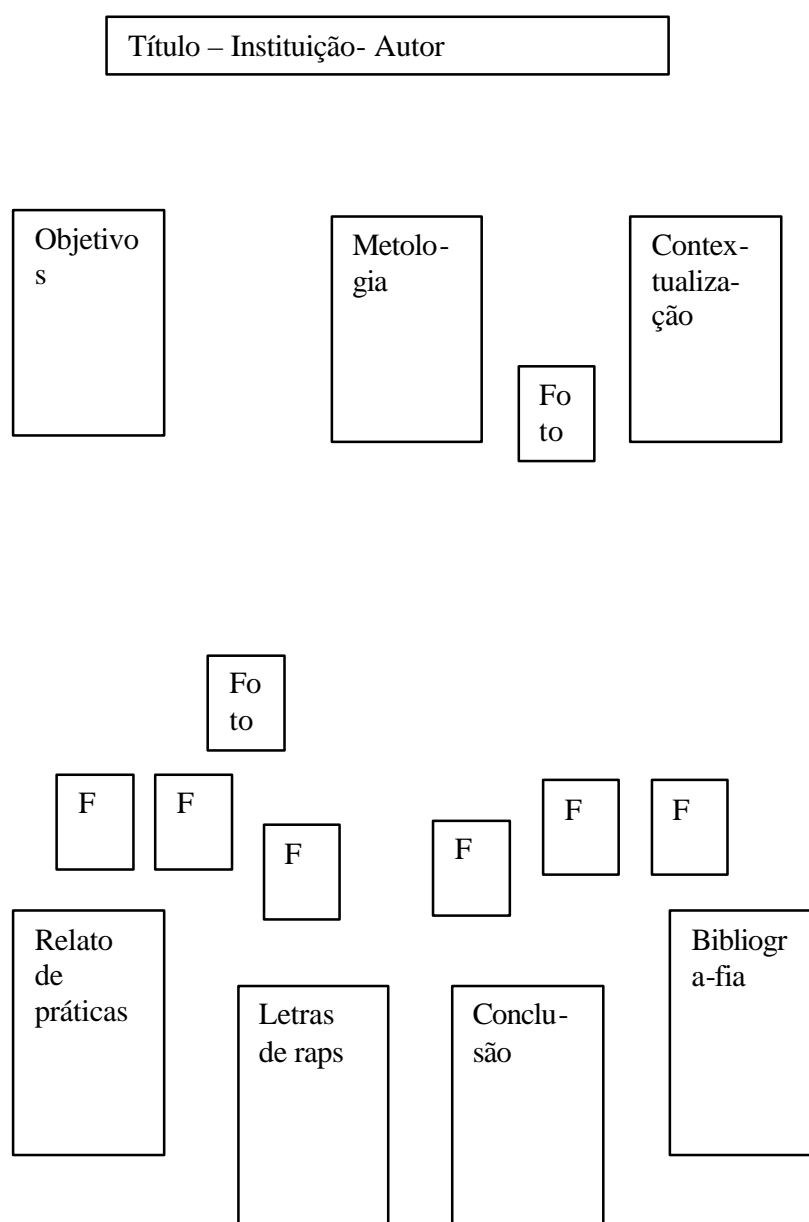
A partir da letra do rap, foi realizada uma ambientação sonora, buscando sons que poderiam estar presentes em cada estrofe, antecedendo a realização musical da mesma. Então: I) sons de narração de jogo de futebol, “*ola*”, apito, gol; II) sons de conversas entre pessoas; III) sirenes, tiros e polícia; IV) sons de carro e de buracos. A realização desta atividade de rap na sala de aula potencializou vários aprendizados musicais e impulsionou a construção de outras composições no mesmo gênero. Certamente que essa é uma forma de trabalho que poderá ser realizada criticamente por professores que atuam em SIEF.

Concluindo, a partir do exposto e com base na totalidade da investigação realizada, pontuo possibilidades e limites na ação educativa de professores de SIEF. Como possibilidades entendo, acima de tudo, o entrelaçamento entre diferentes áreas de conhecimentos que compõem o saber escolar e que são focos sobre os quais o professor elabora, realiza e avalia a prática educativa. Os professores de SIEF conseguem potencializar, muito além da reprodução de canções, mediações dialógicas, utilizando-se de conhecimentos musicais, tais como parâmetros do som, produção de ambientações sonoras, improvisações, composições e escrita com grafias analógicas, etc. O professor de SIEF, entendendo e agindo com o ensino de Música na escola, poderá e deverá também, trabalhar colaborativamente com os professores especialistas da área. Entendo que alguns limites podem ser compreendidos pela questão do conhecimento específico em Música. Parece ser evidente que um professor especialista terá mais conhecimentos musicais que um professor não-especialista. Talvez, o mais urgente seja redefinir, com mais clareza, conceitos de Educação Musical para a escola brasileira no atual período sócio-histórico. O que queremos com o ensino de Música na escola, sobretudo na escolarização em SIEF, considerando a mediação do professor não-especialista?

As reflexões e os resultados aqui apresentados não representam a finalização do estudo sobre a temática em questão, muito mais do que isso, constituem apenas ilustração de parte de um processo mais amplo, que requer ampliação em sua realização, tanto por outros pesquisadores como por mim mesma. Também evocam a discussão e ação sobre a complexa dinamização de trabalhos colaborativos entre Universidade e escola, entre formação e ação profissional, permeados pelas reflexões e realizações concretas em ensino de Música na escola. Finalmente, entendo a urgência de ações educacionais que

potencializem a Educação Musical na sala de aula de SIEF, o que certamente passa pela formação e ação de professores que atuam nesse nível de escolarização.

APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO POSTER



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **O curso de pedagogia e a formação inicial de professores:** reflexões e experiências no ensino de música. [s.l.] : [s.e.], 1999. Texto digitado. Trabalho apresentado no 8. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 1999, Curitiba.
- _____. **A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas dos professores.** Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- COELHO DE SOUZA, Cássia Virgínia. Educação de adultos: a educação musical à distância como possibilidade para a aproximação com a escola regular. **Fundamentos da Educação Musical**, Salvador, n. 4, p. 39-44, out. 1998.
- COELHO DE SOUZA, Cássia Virgínia; MELLO, Cilene Leite de. **Arte Educação I:** a experiência da música no curso de licenciatura plena em pedagogia na cidade de Primavera do Leste, Mato Grosso. [s.l.] : [s.e.], 1999. Texto digitado. Trabalho apresentado no 8. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 1999, Curitiba.
- CONTADOR, Antônio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. **Ritmo e poesia:** os caminhos do rap. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
- JOLY, Ilza Zenker Leme. Musicalização infantil na formação do professor: uma experiência no curso de pedagogia da UFSCar. **Fundamentos da Educação Musical**. Salvador: ABEM, n. 4, p. 158-162, out. 1998.
- MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Formação de professores para a educação infantil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7., 1998, Recife/Pernambuco. **Anais...** Pernambuco, Associação Nacional de Educação Musical, 1998, p. 77-87.
- MATEIRO, Tereza da A. Novo et. al. A relação da escola com a aula de música: um estudo de caso com uma escola de Florianópolis - SC. **Fundamentos da Educação Musical**, Salvador: ABEM, n. 4, p. 68-72, out., 1997.

- MOURA, José Adolfo et. al. Projeto música na escola: proposta para a implantação do ensino de música nas escolas da rede pública do estado de Minas Gerais. **Fundamentos da Educação Musical**. Salvador, ABEM, n. 4, p. 102-105, out., 1998.
- PENNA, Maura. Dó...ré...mi...fá e muito mais: discutindo o que é música. **Ensino de Arte: Revista da Associação dos Arte-Educadores do Estado de São Paulo**. Campinas, n. III, v. II, p. 14-17, 1999.
- SOUZA, Jusamara. Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental e médio, políticas e ações para o ensino de música nas escolas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7., 1998, Recife. **Anais...** Recife, Associação Nacional de Educação Musical, 1998. p. 17 -26.
- _____. Educação musical como prática social e cidadania. In: CONGRESSO NACIONAL DA FAEB, 11., Brasília. **Anais...** Brasília: Federação de Artes Educadores do Brasil, 1998. 129-136.
- SOUZA et al. **O cotidiano como perspectiva para a aula de música: concepções e exemplos práticos**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Artes, 1997. Relatório de projeto de pesquisa CNPQ.
- TOURINHO, Irene. Educação musical: parte integrante do currículo no ensino básico. In: CONGRESSO NACIONAL DA FAEB, 11., Brasília. **Anais...** Brasília: Federação de Artes Educadores do Brasil, 1998. p. 167-175.
- TORRES, Maria Cecília de A. Rodrigues. Educação musical no curso de graduação em Pedagogia Univates (RS). **Expressão**, Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria:, n. 2, p. 135-138, 1998.
- TORRES, Maria Cecília; SOUZA, Jusamara. Organizando atividades musicais na formação de professores: análise de uma experiência. [s.l.] : [s.e.], 1999. Texto digitado. Trabalho apresentado no 8. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 1999, Curitiba.